



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Afeto, corpo e território: fotografia popular e o bem-querer das imagens como expressão da História Potencial¹

Maria Eduarda Rocha Ferreira²

João Victor de Lima Carlos³

Gabriel Alexandre de Oliveira Mello⁴

Fernando do Nascimento Gonçalves⁵

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chave: fotografia popular; pedagogia do bem-querer; história potencial; corpo; território.

Introdução

Este artigo analisa práticas da fotografia popular no Rio de Janeiro a partir de uma articulação entre os conceitos de pedagogia do bem-querer, de João Roberto Ripper, e de história potencial, de Ariella Azoulay. Busca compreender como a fotográfica popular, atravessada por uma ética do afeto e do pertencimento, constitui um gesto político, anti-imperialista e contracolonial (DOS SANTOS, 2023), que valoriza a experiência e saberes dos territórios e sua memória coletiva.

Partimos da premissa de que a fotografia popular pode ser considerado um meio eficaz para o que Ariella Azoulay chamou de “desaprender o imperialismo” (AZOULAY, 2024), lógica de poder produtora de narrativas e visões sobre o Outro que os expropriam de suas próprias histórias e identidades por meio de diversos dispositivos (arquivos, museus, historiografia

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Relações Públicas da UERJ, e-mail: eduardarocha.uerj@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Relações Públicas da UERJ, e-mail: jvcarlos11@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Relações Públicas da UERJ, e-mail: gb.oliveirarj12@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da UERJ, e-mail: goncalvesfernandon@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



oficial) e que naturalizam violências e exclusões. Para ela, “desaprender o imperialismo” é recusar tais lógicas exigindo uma reversão desse trabalho de silenciamento e apagamento. Assim, a fotografia, embora possa ser um instrumento de dominação simbólica, também possui a potência de gerar contra-narrativas e de ser um espaço de disputa por imaginários e subjetividades .

É nesse contexto que a fotografia popular (BARRETO, 2020) e a "pedagogia do bem-querer" de João Roberto Ripper (2016) se insere como um pilar fundamental para uma prática fotográfica humanista, pautada na colaboração, no respeito e no afeto (GASTALDONI, 2020). Ripper, cuja vasta experiência inclui o fotojornalismo e a fundação da cooperativa Imagens da Terra, defende que o ato de informar visualmente deve ser ético e educativo, questionando a ausência das "belezas dos seus fazeres" nas representações de populações menos favorecidas (RIPPER, 2016).

A discussão abrange a prática de quatro fotógrafos populares: Laís Reverte, Lucas Freire, Luan Citele e Pedro Martins, parceiros do projeto de pesquisa e de extensão @VisusdecoloniaisRJ. Sua escolha aqui justifica-se por sua produção ser centrada nas experiências dos corpos pretos, da cultura popular e dos territórios periféricos e por evidenciar o papel da imagem como instrumento de escuta, memória e resistência.

Fotografia popular: entre o bem-querer das imagens e a história potencial

A fotografia popular, enquanto prática cotidiana e sensível, tem emergido nas periferias urbanas do Rio de Janeiro como instrumento de escuta e construção de narrativas afetivas. A fotografia popular (BARRETO, 2020) passou a ser considerada um campo dentro da fotografia documental,



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



praticada principalmente, embora não exclusivamente, por moradores de favelas e outras comunidades marginalizadas.

Na fotografia popular, o ato de fotografar assume um sentido ético e político de produção de pertencimento e memória coletiva. Essa ética se ancora na pedagogia do bem-querer (RIPPER, 2016; GASTALDONI, 2020), que propõe um fazer fotográfico humanista, colaborativo e amoroso, capaz de reverter a lógica extrativa e violenta de representação das populações periféricas. Ao mesmo tempo, o conceito de história potencial e o gesto de desaprender o imperialismo, de Ariela Azoulay (2024), fornecem uma chave teórica para compreender como essas práticas visuais operam a desconstrução dos modos imperiais de ver, documentar e narrar o outro.

Por um lado, o conceito de “pedagogia do bem-querer” de Ripper enfatiza uma prática educativa baseada na afetividade, no cuidado e na construção de relações humanas que promovem o bem-estar, a inclusão e a valorização do outro. A colaboração com o fotografado, a escuta sensível e a construção de narrativas múltiplas são cruciais para desconstruir “histórias únicas” (ADICHIE, 2009) e representações estigmatizantes. Por outro lado, o conceito de “história potencial” de Azoulay propõe maneiras de recusar e desafiar as histórias dominantes e promover uma ruptura com a forma de pensar o passado e o presente herdada de uma lógica imperial e colonial.

A articulação entre esses dois conceitos nos permite considerar que os trabalhos dos fotógrafos populares funcionam como uma ferramenta de resistência, ao documentar realidades muitas vezes ignoradas, e ao dar visibilidade às experiências de territórios periféricos. Essa prática contribui para a desconstrução de narrativas coloniais e imperialistas, apoiando processos de empoderamento e autodeterminação.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A prática da fotografia popular pode ser vista, neste contexto, como uma forma de pedagogia do bem-querer, pois promove o cuidado, o afeto e o empoderamento das comunidades ao lhes oferecer instrumentos de prática da “história potencial”. Fotografar seus contextos, suas histórias e suas dores é uma atividade que promove o reconhecimento do outro e fortalecendo laços de solidariedade, inscritos em suas próprias experiências, histórias e territórios. São esses processos que buscamos evidenciar por meio dos trabalhos de Laís Reverte, Lucas Freire, Luan Citele e Pedro Martins.

Afeto e pertencimento nas lentes de Laís Reverte e Lucas Freire

Laís Reverte e Lucas Freire exemplificam essa abordagem. Ambos desenvolvem um trabalho em que a fotografia é mobilizada como prática de cuidado e de escuta visual, evidenciando vínculos profundos com os espaços vividos e com os sujeitos retratados. Suas produções, enraizadas em suas experiências territoriais nas periferias do Rio de Janeiro, transformam o ato de fotografar em um gesto de cuidado e reconhecimento.

Lucas Freire (@ele_freire), oriundo do Morro do Inferninho, Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro, entende seu território não apenas como cenário, mas como a base de sua visão de mundo e de sua prática fotográfica. Em entrevista a um dos autores, afirmou que seu trabalho não existiria sem o seu território e que o afeto “já está no próprio ato de fotografar e escolher fotografar a minha realidade” (FREIRE, 2025). Suas imagens⁶ buscam registrar a favela enquanto potência, desafiando as representações violentas e destacando também a coletividade, a solidariedade e a amizade. Sua fotografia resulta de um trabalho onde memórias pessoais e coletivas se entrelaçam. Essa perspectiva se conecta com o entendimento de que a fotografia popular

⁶ https://www.instagram.com/p/C1DVBqtp8YO/?img_index=1



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



deve ser atravessada por uma ética do cuidado e onde o ato de fotografar carrega um compromisso afetivo com as pessoas e os espaços que retrata.

Laís Reverte (@revertindo), mulher preta, artista visual, geóloga e fotógrafa, constrói imagens que buscam reimaginar as identidades preta e indígena para além do trauma colonial. Em entrevista a um dos autores, afirma que sua obra visa "dialogar acerca da humanização dos corpos pretos sob uma perspectiva ancestral de afeto" (REVERTE, 2025). Para ela, "o que eu faço com as imagens que eu crio é uma resposta do que o meu corpo sente e troca com o território que eu vivo" (REVERTE, 2025)⁷. Como na imagem de um boi de congado, celebrando a potência da cultura popular e enfatizando os laços coletivos⁸. Ou quando retrata, em preto e branco, um casal negro com um mural "crespo é lindo, feio é seu preconceito," momento de cumplicidade que constrói imagens de afeto e autoestima para os corpos negros⁹.

Corpo Negro e Cultura Popular em Pedro Martins e Luan Citele

Pedro Martins e Luan Citele, cujas trajetórias também foram influenciadas pela formação humanista da Escola de Fotografia Popular (EFP) do Observatório de Favelas, na Maré, no Rio de Janeiro, ampliam a discussão sobre como a fotografia pode desconstruir noções imperialistas e coloniais, especialmente no que tange à representação do corpo negro e da cultura popular.

Pedro Martins, do Rio de Janeiro, iniciou seus registros em 2019, focando no retrato como um meio de "restituir a auto-estima de pessoas racializadas e resgatar as potencialidades perdidas no decorrer do colonialismo", como afirmou em entrevista a um dos autores (MARTINS, 2025).

⁷ https://www.instagram.com/p/CzeHHLRpSzT/?img_index=1.

⁸ https://www.instagram.com/p/CzeHHLRpSzT/?img_index=7

⁹ https://www.instagram.com/p/CzeHHLRpSzT/?img_index=5



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Suas imagens¹⁰ buscam construir "imaginários que rompam com visões coloniais que a anos permeiam nossos pensamentos," aspirando a "trazer horizontes além da opressão" e a "liberdade de(ssas pessoas em) se imaginar em outros lugares" (MARTINS, 2025). Para ele, a produção colaborativa com os fotografados é crucial, gerando intimidade e refletindo a pedagogia do bem-querer. As imagens de Pedro Martins (@pemartins.photo), que utilizam cores vibrantes como o laranja¹¹ e o azul, remetem à realeza e à ancestralidade, posicionando o corpo negro em um contexto de valorização e grandiosidade, em contraposição à insignificância imposta por estigmas raciais¹².

Luan Citele, de São Gonçalo/RJ (@citelefotos), região metropolitana do Rio de Janeiro, interessou-se pela fotografia na EFP em 2012, após conhecer o Projeto Imagens do Povo. Sua "fotografia documental experimental" que utiliza técnicas de baixa velocidade¹³, busca escapar do senso comum e contestar representações estigmatizantes. Citele aborda as festas populares e celebrações, enfatizando o diálogo e a produção colaborativa para que as pessoas representadas tenham poder de decisão sobre o resultado final¹⁴. Suas imagens ilustram essa abordagem, com registros que incorporam os indivíduos aos seus territórios, negando a distância e o estereótipo de violência. Ao registrar momentos de confraternização e alegria, Citele contribui para a construção de um imaginário que valoriza os territórios e a cultura popular¹⁵, despertando encantamento sobre festas e celebrações que, muitas vezes, são retratadas de forma negativa pela mídia hegemônica.

¹⁰ https://www.instagram.com/p/CqEMpUNOCLs/?img_index=1

¹¹ https://www.instagram.com/p/CqEMpUNOCLs/?img_index=3

¹² https://www.instagram.com/p/CqEMpUNOCLs/?img_index=5

¹³ https://www.instagram.com/p/C5bvjSupwtG/?img_index=9

¹⁴ https://www.instagram.com/p/C5bvjSupwtG/?img_index=10

¹⁵ https://www.instagram.com/p/C5bvjSupwtG/?img_index=7



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A produções de Laís Reverte, Lucas Freire, Pedro Martins e Luan Citele são exemplos de como a fotografia popular constitui um gesto político e afetivo enraizado no território e nas relações comunitárias. Longe de se limitar a uma função meramente documental, suas imagens revelam-se como dispositivos de escuta e de construção de narrativas que fortalecem a memória coletiva e os laços identitários dos grupos retratados.

Em suas obras, o gesto de fotografar constitui um exercício ético de escuta, afeto e restituição simbólica. Essas produções confirmam que a fotografia popular, quando atravessada por uma ética do bem-querer, pode operar como linguagem de resistência, de reencantamento e de reconstrução da história coletiva.

Por meio das lentes da fotografia popular e do afeto, esses artistas não apenas documentam, mas performam um gesto de cuidado, de reconhecimento e de pertencimento, inscrevendo no campo visual as histórias e as resistências que compõem a vida social das periferias. Em última análise, a fotografia popular emerge como uma linguagem potente para reescrever narrativas, construindo uma "história potencial" que permite às favelas e periferias das grandes cidades retomarem as rédeas de suas próprias representações.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AZOULAY, A. História Potencial: Desaprender o Imperialismo. São Paulo: Ubu, 2024.
- BARRETO, M. A fotografia como documento e informação e o papel dos fotógrafos populares na construção da memória de favelas. Dissertação de mestrado. IBICT-UFRJ, 2020.
- DOS SANTOS, A. B. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora e Pisagrama, 2023.
- FREIRE, L. Entrevista à João Victor Lima Carlos. Uerj, 5 de junho de 2025.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



GASTALDONI, D. Ensaio Fotográfico - A Pedagogia do Bem-Querer na Obra de João Roberto Ripper. Revista Trabalho Necessário, v. 18, n. 36, p. 248- 255, 22 maio 2020.
MARTINS, P. Entrevista à Maria Eduarda Ferreira Rocha. Uerj, 25 de maio de 2025.
REVERTE, L. Entrevista à João Victor Lima Carlos. Uerj, 5 de junho de 2025.
RIPPER, J. R. A informação no processo de educação. TEDxUnisinos. YouTube, 2016.
Disponível online: <https://www.youtube.com/watch?v=EEmylvpRJ4w>. Acesso em 08 nov. 2025.